

RUA COLIBRI

Decreto nº 4151 de 27-10-1972, Artigo 1º, In-

ciso I

Formada pela rua 1 da Vila Teixeira

Início na rua Brotas

Término na rua Constantino Magna

Vila Teixeira

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Orestes Quércia. Protocolado nº 24.137 de 26-02-1970.

COLIBRI

Colibri é outra denominação dos belos beija-flôres. São aves típicas do continente americano, existindo cerca de 300 espécies, muitas das quais no Brasil e vivem em altitudes que oscilam desde o nível do mar até o cimo dos Andes. São as menores aves que a ciência conhece. Dotadas de possantes músculos de vôo, as asas executam um movimento vibratório, com a incrível velocidade de 100 Km/hora. Tal rapidez produz um som característico. Os colibris ou beija-flôres são as únicas aves que podem voar para frente e para trás, com a mesma velocidade, podendo parar no ar, enquanto colhem os insetos ou o néctar das flôres. O bico pode ser reto ou curvo e a língua é bífida e tubular. As patas são adaptadas ao pouso nos ramos das árvores, quase não lhes servindo à marcha na terra. As cores dos colibris não são devidas apenas à pigmentação, mas, também, à irização da luz que se decompõe nas finíssimas lâminas que recobrem suas pequeninas penas. E a este fenômeno se deve toda a gama de seu colorido que se modifica e se transforma à maior ou menor incidência da luz solar, desdobrando-se em tons metálicos de alucinante colorido. Vivem geralmente solitários, juntando-se apenas os casais por breves tempos, na época dos amores, abandonando, depois, o macho à fêmea a tarefa de proteger os filhotes.



DECRETO N.º 4.151, DE 27 DE OUTUBRO DE 1.972

Dá denominação a vias públicas da cidade

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe conferem o item XIX, do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de Dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

- I — "COLIBRI", a rua n.º 1 da Vila Teixeira, com início na rua Brotas e término na rua n.º 16 do mesmo loteamento;
- II — "ARARANGUA", a rua n.º 5 da Vila Teixeira, com início na rua n.º 4 e término na rua n.º 7 do mesmo loteamento;
- III — "ROUXINOL", a rua n.º 14 da Vila Teixeira, com início na rua n.º 15 e término na rua n.º 16, do mesmo loteamento;
- IV — "PATATIVA", a rua n.º 16 da Vila Teixeira, com início na rua n.º 14 e término no leito da F.E.P.A.S.A.;
- V — "GRAUNA", a rua n.º 17 da Vila Teixeira, com início na rua Constantino Magna e término na rua 1 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 27 de outubro de 1.972.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO MUNICIPAL
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SEC. DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
DR. JULIO CESAR PILENSO
SECRETARIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n. 24.137, de 26 de Fevereiro de 1970, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 27 de outubro de 1.972.

DR. FLÍNIO DO AMARAL
CHEFE DO GABINETE



BEIJA-FLOR — Vertebrados — Classe: Aves — Ordem: Apodiformes. Nome genérico vulgar, com o qual se conhecem os membros da numerosa família dos Troquilídeos. São diminutos, graciosos e espertos e provocam grande admiração,

O bico dessas belas aves é, via de regra, tão comprido quanto o resto do corpo inteiro, às vezes até maior. É de aproximadamente 120 formas o total que integram a avifauna brasileira. Têm plumagem brilhante, a qual, de acôrdo a posição em que se encontra a ave, aviva-se ou esmaece. Esse fenômeno se efetua, devido às minúsculas penugens, que formam cada pluma, igual às facetas do diamante, e que devido à sua disposição, refletem a luz

O anãozinho dos beija-flôres deve ser o beija-flor-das-fadas, ou beija-flor-abelha (de Cuba), que tem o comprimento de 5 cm; a cauda e o bico medem mais que o resto do corpo.

Os beija-flôres-gigantes, presume-se que sejam os do gênero *Patagona*, que ocorrem nos Andes do Equador, Peru, Bolívia, Argentina e Chile, os quais alcançam mais de 20 cm de comprimento. No Brasil, acham-se representados pelo Gênero *Topaza*, com duas espécies, as quais seguem, em tamanho, aos *Patagona* andinos. Os *Topaza* machos adultos são os beija-flôres mais curiosos e brilhantes de todos os troquilídeos neotrópicos, tanto pelo seu notável tamanho e a forma de sua cauda, como pela variedade de cores e brilhantismo de sua plumagem.

Essas aves são originárias da América e encontradas desde o Alasca e Canadá, até o estreito de Magalhães. Por sua plumagem deslumbrante, são caçados desde o tempo dos Astecas. No Brasil habitam em maior número nas regiões montanhosas dos Estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Gêneros como *Rhánphodon*, *Melanotrochilus*, *Aphantochroa*, *Augastes* e *Chytolcama*, pertencem à faixa sudeste do Brasil.

Algumas variedades existentes: beija-flor-do-mato (*Rhánphodon noevius*); beija-flor-prêto (*Melanotrochilus fuscus*); Beija-flor-de-papo-branco (*Leucochlorio albicollis*); beija-flor-verde (*Aphantochroa cirrochloris*); beija-flor-vermelho (*Chrysilampis elatus*).

A voz do beija-flor é chamada de arrular, ruflar ou trissar.



Domingo, 5 de outubro de 1975

O BEIJA-FLOR

Parando no ar (desafiando a lei da gravidade) e às vezes até com uma "marcha ré" — eis o prodigioso beija-flor, ave da família dos Troquíldeos.

O beija-flor de bico mais comprido que se conhece em toda a família das aves é o pássaro espada.

O macho tem 10 centímetros de bico e a fêmea tem o bico medindo o dobro do comprimento do corpo.

Há cerca de 500 espécies de beija-flores, sendo que 80 se encontram no Brasil.

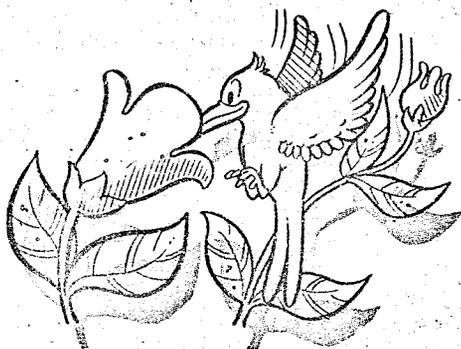
O beija-flor habita as regiões quentes da América.

É uma ave de grande atividade.

Vive o dia todo no ar; nas flores, ele busca o néctar e insetos. Contribui para a fecundação das plantas levando o pólen de flor em flor.

Apesar do seu minúsculo porte, há quem diga que o beija-flor trava luta com qualquer animal.

A sua tática é diabólica: ele se atira rápido sobre o inimigo e, em um certo movimento, vasa-lhes os olhos com seu bico ponteagudo.



O tamanho de um beija-flor varia de 20 a 27 centímetros, do bico à cauda.

O colibri, da família do beija-flor, é o menor pássaro do mundo, segundo alguns autores.

Os ovos do colibri têm o tamanho de um grão de milho.

Os índios Tupis chamavam o beija-flor de guainumbi, guanumbi ou mainumbi. O nome genérico do beija-flor entre os caipiras é cuitelo. O beija-flor é também chamado de chupa-flor, chupa-mel ou binga. **3**

(Recorte extraído da "Folhinha de São Paulo", suplemento infantil, dominical, do jornal "Folha de S. Paulo", de 05-outubro-1975)



(Denominação dada pelo Decreto nº 4151 de 27-10-1972)

O Globo
26-10-77

Os beija-flores, energia pura

Biólogo
Augusto
RUSCHI

"A região tropical é a mais rica do mundo", diz Ruschi em seu depoimento no filme "Há seis anos iniciamos estudos aqui no museu, realizados por colegas americanos, que foram encerrados em 1974". Ruschi conta que no momento eles preparam suas conclusões — que serão programadas e revistas por computadores — e "então poderemos saber a produção da nossa bio-massa, o seu consumo e a sua redução".

— Por outro lado, estamos estudando espécies que estão sendo exterminadas, sem que se conheça seu fator de equilíbrio biológico na natureza, como os morcegos. Há entre eles vários tipos: frutívoros, carnívoros e os hemófagos, que se alimentam de sangue. Estamos desenvolvendo também macacos híbridos com o objetivo de estabelecer seus tipos. No borboletário, estamos procurando conhecer e aperfeiçoar os conhecimentos sobre as escamas iridescentes das suas asas.

Respeitado por seus trabalhos sobre as orquídeas e na biologia marinha, Ruschi passou a ser conhecido mundialmente pelo seu esforço na preservação da fauna e flora e, sobretudo, como ornitólogo dedicado aos beija-flores, neles que o filme realizado por Orlando Bonfim mais se detém, ao menos em sua primeira fase. Se a simples observação do seu comportamento nos deslumbra, e a descrição etiológica que esclarece o seu fenômeno. Do depoimento gravado de Augusto Ruschi para o filme:

— O beija-flor é intrinsecamente ligado à natureza, ao seu habitat. Em geral a destruição de uma espécie está vinculada à caça, a ação predatória do homem. No caso dos colibris, que no Brasil vivem principalmente nos campos e pradarias, a sua destruição é o resultado da depredação das matas. Exterminando-se o habitat, destrói-se tudo.

A alimentação de um beija-flor é baseada em proteínas e carboidratos. A medida que ele vai crescendo, a proporção de carboidrato aumenta, até que o total da alimentação se divide em 19% de proteína e 81% de carboidrato. E deste elemento que vem a imensa energia que ele consome. Seus batimentos cardíacos — que chegam até 1500 por minuto durante o dia — caem à noite quando sua temperatura baixa em média sete graus — de 42-43 para 34-35 quando então ele começa a dormir. Quando a temperatura desce para 14 graus seu corpo entra em estado de hibernação, no qual permanece de 14 a 16 horas no máximo. "Estamos estudando a sua cardiologia para descobrir o que provoca esta hibernação" diz Ruschi.

Classificados basicamente em espécies sedentárias e migratorias, os beija-flores só existem na América. Os migratorios chegam a percorrer nove mil quilômetros, relata Ruschi.

— Os que vão do Alasca até o Golfo do México param de 900 em 900 quilômetros em geral, uma média de 20 a 20 horas. Baixam à terra por 15 dias



Em Santa Teresa, uma paisagem ainda preservada

durante os quais engordam dois gramas e voltam ao céu por outros tantos quilômetros. Quando chegam ao local desejado se reproduzem e regressam à terra natal. Já os sedentários sobem até mais de cinco mil metros de altitude.

De todos os espetáculos proporcionados por este maravilhoso passaro de 14 gramas em média o mais interessante talvez sejam as fases do seu acasalamento. Elas são em número de cinco: aproximação, perseguição da fêmea, apresentação, exibição da plumagem e cópula, que dura apenas dois segundos. Através do depoimento de Ruschi, elas podem ser assim descritas.

Estas observações se integram na etiológica — ciência do comportamento dos animais — e foram aproveitadas por Konrad Lorenz, prêmio Nobel de Medicina em 1974, em sua teoria dos liberadores da agressividade animal. Na verdade, o filhote já tem conhecimento da mãe desde o ovo. Na incubação, ele ouve o canto da mãe quando está no ninho. E, desde o ovo, o filho responde ao chamado. Na aproximação para o acasalamento, o macho se coloca a uma distância de seis até cem metros do ninho da fêmea. Se a fêmea aceita o macho ela sai em vôos horizontais e verticais, caso contrário, ela se recolhe ao ninho. A perseguição se sucede a apresentação de macho e fêmea em sucessivas revoadas. Da-se, então, o mais belo momento do processo: a exibição da plumagem do macho para a fêmea. Ele tem que estar com a plumagem perfeita, as penas nos lugares, com sua mais nítida coloração e forma, para poder exibir a fêmea. Esta é uma espécie de estímulo que a fêmea recebe para o acasalamento que se manifesta primeiramente como conquista psicológica e se concretiza depois como posse física. O canto, a exibição da plumagem envolvem a fêmea na

conquista psicológica que torna possível a física. Neste instante, após piruetas e revoadas cujo som se assemelha a um bater de castanholas, ocorre o que chamamos um paroxismo. Há uma parada no céu. Se a fêmea aceita o macho, ela se coloca numa posição — que o macho reconhece — e então ocorre o acasalamento.

Após o encontro, o macho não interfere no ninho, que fica sob responsabilidade da fêmea. Ela incuba, e este processo pode durar de 20 a 35 dias. Segundo Ruschi, "isto depende do tempo em que ela dá as rações alimentares — que são em número de 37".

"Em nosso viveiro, reproduzimos quase todas as espécies, das 350 existentes no mundo, temos mais de 270, o que representa dois terços", conta Ruschi.

— Desde 1928 trabalhamos na produção dos colibris. O primeiro trabalho foi publicado em 1933. Agora estamos fazendo a monografia do Brasil, que vai sair com 150 pranchas coloridas e uma completa descrição da etiológica. Num trabalho paralelo, para a sistemática da espécie, estamos fazendo o levantamento da dimensão, peso etc.

Augusto Ruschi, em sua simplicidade, não esconde a formação de um cientista por vocação e as vezes, conforme observa Orlando Bonfim, "espontâneo e intuitivo". Seria impossível, lembra Orlando, fazer um filme como este sem a presença preciosa deste cientista, que "aos quatro anos fugia atrás dos passarinhos e aos 12 anos desenhava orquídeas" e através dos estudos da polinização das orquídeas chegou aos beija-flores. Na Bienal de Arquitetura de 1974, uma sala exibia 180 desenhos de orquídeas feitos por Ruschi entre dez e 14 anos de idade.

Ao lado de seu amor pelos beija-flores ou chupa-flores, pica-flores, zum-zum, zum-zum, jóias vivas, colibris, pétalas aladas, em seus vários nomes de designação popular, o cientista conserva o vigor que lhe permite lutar pela preservação do equilíbrio biológico da natureza.

— É preciso despertar as autoridades para a preservação das florestas e caatingas e todos outros tipos de terra existentes no país. Estamos fazendo um levantamento das águas de Santa Teresa. E de estarrecer a sua degradação de águas puras em barragens. Em vez de plantar coisas úteis, plantamos coisas exóticas. Reflorestamos com eucalipto, que é economicamente aproveitável, quando só é possível reflorestar com as essências do lugar: é a técnica do polimorfismo que compreende de 40 a 50 essências por hectare. Este processo é utilizado em países como o Canadá, a Finlândia, a Austrália e também no Alasca. Aqui no Brasil se planta o que quer, quando se quer e onde se quer. Não há nenhuma lei protegendo a natureza dessas arbitrariedades.

(Recorte do jornal "O Globo", do Rio, de 26-10-1977, num artigo do biólogo Augusto Ruschi)



Os beija-flores

Ainda há muita gente caçando beija-flores, coisa inadmissível num país civilizado. Entretanto, o fornecimento de água com açúcar em recipientes apropriados pode atraí-los facilmente a parques e jardins.

Júlio C. Emrich

Deve-se a A. Chateaubriant uma série de extraordinários trabalhos sobre a criação de beija-flores. No Suplemento Agrícola nº 1.007, de 15/9/74, o sr. Luiz Gonzaga E. Lordello escreveu ótimo artigo sobre essas minúsculas aves, o que nos despertou o desejo de colaborar para o esclarecimento de assunto tão palpitante.

Inicialmente, um comentário acerca de um tópico do artigo acima referido. Diz o sr. Lordello: "Quanto aos beija-flores, aparentemente não há quem se preocupe em perseguí-los, ao contrário, pois, do que ocorre com o restante da fauna, que passa por um processo de extermínio". Infelizmente, cabe aqui um reparo, pois há muita gente caçando beija-flores com grande empenho, retendo-os presos ou, pior ainda, matando-os para embalsamá-los, como vi há pouco tempo um jovem fazer — já havia eliminado 10 aves.

Eis o que nos leva a desejar colaborar para a preservação dessas lindas aves, descrevendo-as, mostrando o quanto têm de encanto, de maravilhosos, de modo a merecerem toda a nossa estima. O conhecimento dos beija-flores levará certamente as pessoas a quererem aproximar-se deles, ou melhor, a atraí-los de maneira natural para a sua convivência através da colocação de recipientes em que possam alimentar-se.

Os beija-flores, também conhecidos como chupamel, cuitelos da mata-virgem (dourados) e colibris, são avezinhas de coloridos fabulosos e muita velocidade de voo, que enfeitam matas e locais onde existam plantas nectaríferas. São as únicas aves capazes de voarem em marcha-ré. Como as abelhas e outros insetos, são grandes auxiliares na fecundação das flores e, portanto, responsáveis por maior produção de frutos.

No Brasil, existem (ou existiam) cem ou mais variedades de tamanho e colorido lindíssimos. Conhecemos uma variedade tão pequena que podia ser confundida com uma abelha mangangá. Infelizmente, os pseudo-caçadores destroem essas aves maravilhosas, seja por ignorância, seja para coleções (vivas ou mortas). Para isso, usam estilingues ou armas de fogo. É possível que muitas espécies já tenham sido extintas.

O ninho do beija-flor é uma verdadeira obra-de-arte, pela beleza, graça, maciez. O revestimento interno é feito de pêlos e fibras macias; por fora, há uma verdadeira decoração com paina ou musgos delicados. Dos ovos chocados, surgem filhotes que logo se ajustam, com uma perfeição incrível, ao vão do ninho, numa proteção completa contra intempéries. Pormenor interessante, comum às outras aves: assim que os filhotes já semi-desenvolvidos dão os primeiros vôos, os pais diminuem a alimentação para que eles se tornem ainda mais leves. E a fome faz que os filhotes acompanhem os pais e assim aprendam a achar alimento.

Existem à venda vários tipos de aparelhos para fornecimento de alimento a beija-flores. Alguns deles são decorados com flores artificiais, o que os torna muito atraentes. Com eles, os amantes desses pássaros podem facilmente atraí-los aos jardins, chácaras, fazendas etc. Mas já de-

paramos várias pessoas que se queixam da eficiência desses aparelhos, sendo levadas a desistirem da empreitada. Eis alguns exemplos dos problemas surgidos:

No bico dos alimentadores, juntam-se abelhas e marimbondos que, além de sugarem o líquido, espantam os beija-flores. Evita-se a dificuldade com a adaptação de uma válvula pequena ao aparelho, de sorte que o beija-flor, ao tocar o alimentador com o bico, empurra-a e deixa o líquido passar, vedando-o depois de sugá-lo.

Em geral, as pessoas colocam os alimentadores pendurados em árvores e o vento os faz balançar, derramando o líquido. Para impedir isso, deve-se prendê-los firmemente à árvore.

Com frequência, são os aparelhos colocados sob o sol escaldante, em local próprio ou invisível para as avezinhas. O ideal é sempre prendê-los à sombra, em árvores ou arbustos floridos, de preferência longe de muito movimento de pessoas ou animais.

O tamanho e número de alimentadores devem estar de acordo com a frequência das aves em jardins, pomares etc., renovando-se regularmente o líquido.

Os alimentos líquidos devem ser feitos, de preferência, com água fervida e açúcar (15 a 20%), o que evita que azedem com o calor. Água e mel ou melado de cana constituem também ótima mistura. As misturas podem ser preparadas segundo a experiência pessoal de cada um, adaptando-se às circunstâncias. O plantio de flores nectaríferas é sempre medida útil.

O importante é que os beija-flores frequentem em plena liberdade os jardins, pomares etc. Isso não é difícil, bastando um pouco de paciência e boa vontade. E teremos a presença agradável, delicada, dessas lindas avezinhas, cuja liberdade não pode ser tolhida.

22-12-74 — O ESTADO DE S. PAULC

1021 — SUPLEMENTO AGRÍCOLA — 11

PÁSSAROS

RUA COLIBRI

(ou Beija-Flor)



Os pequenos colibris

OS beija-flôres são aves típicas do continente americano, existindo cerca de 300 espécies, muitas das quais no Brasil e vivem em altitudes que oscilam desde o nível do mar até o cimo dos Andes. São também chamados de colibris, e J. Mavieael Monteiro afirma que são as menores aves que a ciência conhece.

Dotadas de possantes músculos de vôo, as asas executam um movimento vibratório, comparável ao dos insetos, com a incrível velocidade de até 100 km/h. Tal rapidez produz um som característico, sendo mais fácil ouvi-lo, que ver o próprio pássaro voar. São as únicas aves que podem voar para frente e para trás, com a mesma velocidade, podendo parar no ar, enquanto colhem os insetos ou o néctar das flores.

O bico pode ser reto ou curvo, atingindo às vezes o tamanho do corpo; a língua é bifida e tubular; as patas são adaptadas ao pouso nos

ramos das árvores, quase não lhes servindo à marcha na terra.

As cores dos colibris não são devidas apenas à pigmentação, mas, também, à irização da luz que se decompõe nas finíssimas lâminas que recobrem suas pequeninas penas. E a este fenômeno se deve toda a gama de seu colorido que se modifica e se transforma à maior ou menor incidência da luz solar, desdobrando-se em tons metálicos de alucinante colorido.

Vivem geralmente solitários, juntando-se apenas os casais por breves tempos, na época dos amores, abandonando, depois, o macho à fêmea a tarefa de proteger os filhotes. Os ninhos são construídos nos ramos das árvores, como pequeninos cestos feitos de material o mais delicado possível. Num colher de sopa poderá abrigar-se espacosamente, uma família de beija-flôres.